

Literatura infantil: a voz da criança na palavra do escritor

Silvana Tavano

Não sei dizer em que momento passei a ter medo de voar. Até os meus vinte e poucos anos, viajar era um prazer, e eu não me incomodava sequer com o desconforto de ter que atravessar a noite dentro de um avião. Por motivos tão impalpáveis quanto os ventos que provocam turbulências, isso foi se tornando um pesadelo; muitas vezes mudei os planos de férias por conta desse sofrimento — mesmo assim, continuei viajando de avião, até porque não tinha como não ir quando o trabalho exigia. Só que, desde aquela época, o prazer da viagem só começa quando piso com meus dois pés em terra firme. Durante mais de vinte anos trabalhando como jornalista, fiz reportagens mundo afora, e o que, para muitos, era um prêmio, para mim era um martírio. Ainda trabalhava em uma redação, em 2002, quando fui escalada para ir à Espanha; sem coragem de recusar o convite, voltei para a minha mesa em pânico, e naquele mesmo dia escrevi a história de uma bruxa que tinha medo de voar. Por que uma bruxa? Lembro que, noites antes, tinha lido para meu filho um trecho do livro *Puxa, qual Bruxa?*, de Eva Ibbotson, e só agora me ocorre que a protagonista da minha história talvez tenha algum parentesco distante com a de Ibbotson, a nada malvada bruxa Beladona. Mesmo sem nunca ter escrito para crianças, coloquei meu medo no caldeirão, contando com os poderes da personagem e a mágica das palavras, que sempre me ajudaram a entender e transformar as coisas. Eu nunca tinha escrito nada no gênero e não estava pensando no leitor

enquanto descrevia o pavor da bruxa que, querendo ser moderna como suas jovens companheiras, desiste da vassoura e embarca num avião rumo à Espanha para o casamento da prima Soledad. Eu só estava tentando rir de mim mesma, talvez minimizar ou até vencer o medo com humor e fantasia — um temor irracional, não tão diferente do medo do escuro, do monstro no armário, de palhaços e fantasmas: o avião, meu bicho-papão. Não me dei conta de que tinha escrito uma história do ponto de vista de uma criança, pensando como ela, expondo o que ela sente, sem deixar de ser uma adulta na construção da narrativa.

Para meu alívio, a viagem à Espanha foi cancelada dias depois; mas outra aventura estava apenas começando. Incentivada por dois leitores preciosos, meu filho, na época com oito anos, e a professora Márcia Fortunato, que tive a sorte de conhecer naquele momento, decidi mandar o texto para duas editoras; três meses depois, quando uma delas me telefonou, eu já tinha escrito mais duas histórias além de “Medo de Voar”, que abre o livro da bruxa *Creuza em Crise*, lançado pela Companhia das Letrinhas, em 2005, meu primeiro título para crianças. Desde então, o que aprendi (e sigo aprendendo) é que, apesar de todas as especificidades que envolvem esse público leitor, escrever para crianças exige o mesmo rigor indispensável aos textos literários destinados aos adultos, com desafios inerentes no que se refere à linguagem, que há de ser simples, e não simplificadora; familiar, mas abrangente, condensando camadas de sentidos que são percebidos de um modo pelo leitor de cinco anos, de outro, pelo de sete, e de muitos outros pelos leitores adultos.

Simples não quer dizer fácil. Uma criança pequena pode não entender certas palavras; talvez pergunte, por vezes vai tentar adivinhar o significado; e se estiver envolvida com a história, uma ou duas palavras desconhecidas não vão afastá-la do livro; mas convém não abusar de substantivos abstratos e termos pouco comuns ao seu repertório. Vale lembrar que nos livros para os bem pequeninos há que se contar com a narrativa visual em coautoria fundamental; aqui, as imagens vão além da mera ilustração, ampliando e, muitas vezes, explicitando o sentido de determinada palavra “difícil”. Valendo-se dessas duas linguagens, o livro infantil aumenta o vocabulário, dando aos jovens leitores a chance de aprender. E eles não perdem a oportunidade de se experimentar em novos contextos: lembro-me de uma menina de uns cinco anos, durante um encontro com turmas de pré-escola, em São Paulo, perguntando de onde eu tirava

tantas ideias *espetaculares*, orgulhosa por estar pondo em cena a palavra que tinha acabado de conhecer através do livro-álbum *Uma noite espetacular*¹.

O clichê merece ser repetido: subestimar a capacidade desses leitores é um tremendo equívoco. Vocabulário exigente, desafios de linguagem, pluralidade de sentidos e enredos inesperados ou terríveis não são barreiras para as crianças; ao contrário, o que há de melhor na literatura infantil contempla tudo isso, dando corpo a temores, dúvidas, acessando fantasias que provocam risos, choro, descobertas; surpreendendo ora com o banal, ora com o fantástico, com tramas que acendem a imaginação e a curiosidade.

Mas como se faz um livro infantil? Existe uma fórmula para a arte de escrever para crianças? No seu *Problemas da Literatura Infantil*, publicado em 1984, Cecília Meireles já respondia: “Nenhum autor é capaz de discriminar o processo que opera dentro de si, num momento de criação, de modo a oferecer uma receita feliz”. A verdade é que existem muitos caminhos, e tão diferentes quanto todos os textos que cabem no que reconhecemos como literatura infantil, uma herança da tradição oral constantemente atualizada nos contos de fadas, histórias da carochinha, adivinhas, parlendas, trava-línguas, lendas e fábulas, contos da Mamãe Gansa, recantos, poesia, ABCs, histórias sem fim.

Antes de tudo, há que se encontrar um tema e um tom, sintonizando o leitor com o discurso do narrador — crianças do século 21 não se envolvem com uma história só porque os animais falam, as fadas resolvem tudo e no final todos são felizes para sempre; elas também querem encontrar nos livros a representação dos sentimentos que vivenciam — perdas, abandono, medos, solidão. A fantasia é indispensável, mas o “era uma vez” perde a força quando se abusa da ideia

¹ *Uma noite espetacular*, de Anna Laura Cantone, a partir de roteiro de Adriano Messias, Ed. Positivo, 2013.

da pureza da infância, como se nessa fase da vida só houvesse espaço para a alegria, reduzindo a ideia de inocência ao uso excessivo dos diminutivos, com uma escrita infantilizada e condescendente. As crianças de hoje também tendem a rejeitar a voz dos autores que soam como professores, pais e avós cheios de sabedoria (o que não impede que livros assim continuem sendo escritos e publicados, enredos edificantes com temáticas pedagógicas disfarçadas de literatura). A questão é: que autor você quer ser?

Diferentemente da literatura infantil em sua origem, quando as histórias tinham a função de ensinar e dar lições de moral, delimitando claramente o bem do mal, já não faz sentido pensar num texto para crianças que seja maniqueísta, que apague as nuances e não permita ao leitor experimentar uma multiplicidade de significados, sugerindo caminhos e diferentes visões do mundo. Mais do que explicar, os textos voltados para os pequenos buscam provocar, dialogando com as inquietações, contradições e conflitos aos quais as crianças de hoje estão expostas; não é à toa que temas ligados a preconceitos, sexualidade, questões de gênero, novos modelos familiares, problemas ambientais etc. estejam cada mais presentes nas estantes infantis, com histórias que dão margem à reflexão, com várias chaves de leitura.

Com relação a esse aspecto, o papel dos mediadores de leitura é essencial. Pais e professores são os olhos das crianças que ainda não sabem ler, fazendo uma ponte que pode se estender às que estão em processo de alfabetização e também aos chamados leitores iniciantes. Cabe a esses mediadores ampliar a experiência ou, no mínimo, não limitar a compreensão que palavras e imagens são capazes de sugerir. Em função disso, quem escreve para os pequenos também passa por essa mediação, correndo o risco de não ser lido como gostaria. Claro que isso pode acontecer com livros em geral, envolvendo leitores de todas as idades, mas aqui há uma questão específica: aquela que atribui função à literatura infantil, não raro usada como material de aprendizado. Ter um título adotado nas escolas é gratificante, e não só por conta das vendas. Que autor não se alegra ao saber que as crianças estão lendo suas histórias? Apesar disso, mais de uma vez senti essa alegria murchar ao ver os pequenos aprendendo a ler as horas no relógio a partir de um texto rimado que brinca com a subjetividade do tempo — a ideia do meu *O mistério*

*do tempo*² não era essa, e confesso que é desalentador ver um texto que poderia instigar, fazer sonhar ou apenas divertir assumindo um papel didático, esvaziado de todos os aspectos literários. Ser lido de forma utilitária não é (ou não deveria ser) o objetivo de quem escreve para crianças, e essa situação impõe aos autores um desafio ainda maior — o de buscar o tom onde não ressoem notas de informação, criando uma melodia que sobretudo inspire, mesmo que (eventualmente) “ensine”: afinal, a própria literatura é formadora por si só.

Quem escreve também lê; e quem escreve para crianças necessariamente inclui títulos infantis entre seus livros de cabeceira. É fundamental visitar os lugares onde vivem os monstros³, se aventurar pela toca do coelho⁴, escutar conversa de boneca⁵ e passar mil e uma noites entre clássicos (La Fontaine, Jonathan Swift, Charles Perrault, Irmãos Grimm, Collodi, Carroll, Roald Dahl, Rodari, Lobato, Michael Ende) e contemporâneos (José Mauro de Vasconcelos, Bartolomeu Campos de Queirós, Sylvia Orthof, Maurice Sendak, Tatiana Belinky, Wolf Erlbruch, Angela Lago, Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Eva Furnari, Marina Colasanti, Roger Mello e mais tudo “Isto ou aquilo”⁶ que interessa). Além das obras de ficção, é importante ler sobre o gênero, conhecer os trabalhos teóricos de Yolanda Reyes, Maria Teresa Andruetto, Peter Hunt, Nelly Novaes Coelho, Ana Garralón, entre outros especialistas que se dedicam ao estudo e à crítica da literatura infantil.

Estudar é preciso, mas não garante o visto de entrada para o mundo dos pequenos. Quem quer escrever para crianças tem que estar perto delas, ouvir o que dizem, descobrir o que pensam, observar como brincam, correm, tentando decifrar por que choram num instante e pulam, excitadas, logo em seguida; por que dizem certas coisas e como dizem. Nem todos têm a chance de conviver com filhos ou sobrinhos pequenos e desfrutar das descobertas que fazem a todo instante, compartilhando

2 Ed. Callis, 2010.

3 *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak, CosacNaify, 2009.

4 *Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho*, de Lewis Carroll, com ilustrações de John Tenniel, edição comentada por Martin Gardner, Jorge Zahar Ed, 2002.

5 *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, Globinho, 2012.

6 *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, Global, 2012.

das observações de quem olha pela primeira vez para tudo que já se tornou banal para um adulto. As crianças têm que estar no radar do escritor, sempre. Mais de uma vez me sentei em praças, no meio da tarde, para fazer “pesquisa de campo”, acompanhar o pega-pega, às vezes conversar com um ou outro que se isola da turma, emburrado, me deixando levar pela energia dos pequenos, tentando entender os jogos que estão inventando, vendo as meninas pularem elástico, a mesma brincadeira do meu tempo de criança, e de repente entrar em contato com sensações que a memória traz de volta — como era mesmo aquela euforia? Quando visito escolas, aproveito a chance de conversar com crianças que leram meus livros, e quantas ideias surgem a partir das perguntas e observações que elas fazem! Não só: em diversas ocasiões me dei conta de falhas (o sexto dedo na mão de certo personagem ou uma palavra inexata, como “recheio” em vez de “cobertura” num trecho que descreve o que vai por cima do bolo...), detalhes que eu, o ilustrador, revisores e editores deixamos escapar — delas, nada escapa; os pequenos costumam ser leitores atentos e muito críticos. E quantas vezes já não me surpreendi com tudo o que eles pensaram, imaginaram, depreenderam dos livros? Novos sentidos, mais — muito mais — do que eu pretendia.

Ideias para um livro infantil também podem surgir por acaso, de forma absolutamente inesperada, e sorte a nossa quando esbarramos com uma história pronta. Certa vez, na fila da padaria, notei uma garotinha falando sem parar, grudada nas pernas da mãe. Inquieta, a menina emendava perguntas, tentando descobrir por que a mãe não conversava com ela: você está braba comigo?, está triste porque o papai viajou?, fiz alguma coisa errada?, e a certa altura, a mãe, que tinha percebido que eu prestava atenção, sorriu para mim e desconversou, dizendo qualquer coisa para a pequena. Saí de lá com tudo quente, os pãezinhos e a cena, pensando nas tantas coisas que a menina tinha imaginado por trás do silêncio da mãe. Naquele mesmo dia escrevi um monólogo, o próprio Silêncio como personagem, contando que, às vezes, ficava quieto porque estava chateado, pensativo ou preocupado com alguma coisa. Em certas situações, ficava tímido; em outras, tinha jurado guardar um segredo. E havia momentos em que a tristeza ou a mágoa o calavam; também emudecia concentrado em preces, mas também acontecia de estar distraído ou entediado ou sonhando de olhos abertos. O Silêncio às vezes era sono ou pura preguiça de falar. Quando comecei a escrever, me peguei descobrindo

as tantas coisas que o silêncio podia dizer, e dias depois, ao mostrar o texto para o ilustrador Daniel Kondo, aceitei sua proposta de transformar o monólogo em diálogo, dois personagens curiosos tentando descobrir por que o Silêncio estava tão quieto. Nosso *Psssssssssssiu!*⁷ conquistou prêmios e selos importantes, provavelmente porque nasceu de uma curiosidade infantil, e também por ter sido concebido a partir de uma conversa afinada entre texto e imagens.

Porque os livros infantis sempre têm dois autores (exceto quando o autor é o próprio ilustrador, o que não é o meu caso), uma particularidade do gênero, para o bem ou para o mal: ancorado nas ilustrações, o texto pode perder o brilho ou, ao contrário, irradiar significados. As imagens contam, e a narrativa visual é parte integrante da história, complementando, ampliando e por vezes substituindo a palavra. Nos livros-álbum, com pouco ou mesmo nenhum texto, são as imagens que narram a história criada a partir de um roteiro. O que não significa que esses livros sejam dedicados exclusivamente a crianças em fase de alfabetização ou que ainda não saibam ler. Como disse a especialista argentina Cecília Bajour, mestra em Livros e Literatura para Crianças e Jovens, em palestra realizada no Instituto Vera Cruz, em fevereiro de 2018: “O mercado editorial geralmente propõe o livro-álbum para crianças, mas na verdade muitos adultos sentem-se atraídos e desafiados por esse tipo de livro, que cruza vários gêneros e idades.”

Eu diria que é arriscado (no mínimo, difícil) estabelecer uma faixa etária ideal para os livros infantis; uma criança de seis ou sete anos muitas vezes é capaz de compreender e desfrutar da leitura de um livro indicado para leitores mais velhos, e o inverso também é verdade: nada impede que um leitor já fluente se entente com um livro quase sem texto, que teoricamente

7 Editado pelo Instituto Callis, 2012.

só agradaria aos menores. Não me preocupo com isso enquanto escrevo, e creio que a divisão por faixas etárias persiste basicamente para facilitar vendas para os programas de governo e adoções nas escolas. De todo modo, é razoável pensar nas histórias para os bem pequeninos sendo escritas com frases curtas, em prosa ou poesia — as rimas são muito bem-vindas! —, em livros que costumam ter de 16 a 24, no máximo 32 páginas, com pouco texto em cada dupla e espaço generoso para a ilustração. Não é uma regra, mas faz sentido dizer que o número de páginas vai crescendo com a idade; assim como a extensão do texto, maior é a complexidade dos temas, com a fronteira entre o infantil e o primeiro estágio do juvenil começando a se esboçar a partir dos 11, 12 anos; também aqui, há que se levar em conta a maturidade do leitor.

8 Com projeto gráfico e ilustrações de Guto Lacaz, Moderna, 2012.

No site da editora, *O zum-zum-zum das letras*⁸ é indicado a partir de 13 anos, para leitores já com fôlego, capazes de percorrer 120 páginas e entrar na brincadeira que explora os fonemas, num texto construído com metalinguagem. Apesar disso, em muitos encontros, nas escolas, vejo crianças com menos de 10 anos envolvidas com a leitura de trechos como o do “Chororô do Xis”, a letra-personagem que diz: “Não quero me queixar, mas é chato ser confundido o tempo todo. Isso mexe com a autoestima da gente. Nem chilique eu posso me dar ao luxo de ter! A duplinha Ceagá sempre chega na frente, só pra chamar a atenção. Nossas vozes são idênticas, mas todos sabem quem é que serve o chá, assina o cheque, anuncia a chuva e faz chamego. O Ceagá é o dono da chácara, nem posso chiar (...) Não sou chorão, mas, poxa, é justo que eles sejam lembrados com champanhe, e eu com xixi? (...) Como não me exasperar se apareço só em casos de exceção?”. Talvez os mais jovens ainda não disponham de instrumentos para decifrar tudo o que o texto propõe; mas as risadas

e perguntas que volta e meia interrompem a leitura me contam o principal: a história diverte, desafia e prende a atenção. É o que nós, escritores, desejamos quando escrevemos para o leitor, tenha ele a idade que tiver. ■

Silvana Tavano

Jornalista formada pela Escola de Comunicações e Artes da USP, e autora de livros para crianças e jovens, com títulos publicados na Argentina, México, Japão, China, Coreia, Alemanha, Suécia e Turquia.